

CIPEAD - UFPR
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO – PÓLO
PARANAGUÁ

FILOSOFIA DO COTIDIANO EM LOU MARINOFF: A FILOSOFIA NA ROTINA
DOS DISCENTES DE ENSINO MÉDIO

PARANAGUÁ
2015

CIPEAD - UFPR
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO – PÓLO
PARANAGUÁ

FILOSOFIA DO COTIDIANO EM LOU MARINOFF: A FILOSOFIA NA ROTINA
DOS DISCENTES DE ENSINO MÉDIO

ALUNA: ROSEMERI DE ANDRADE DA SILVA

Trabalho apresentado para avaliação na disciplina de Pesquisa em filosofia na sala de aula, do curso de Especialização em ensino de Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal do Paraná ministrado pela professora Karen Franklin.

PARANAGUÁ
2015

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a contribuir para a fomentação de debates relacionados às práticas pedagógicas do ensino de Filosofia nas salas de aula de Ensino Médio, bem como a utilização da Filosofia no cotidiano do ser humano e sua forma de aplicação e estímulo. Entretanto, face ao grande crescimento tecnológico e disponibilidade de informações, mostra-se a preocupação em contemplar também conceitos importantes como o de ideologia, bem como o de cultura, uma vez que é necessário compreender as experiências humanas para que se possa criar uma linguagem e uma forma acessível de aplicar a Filosofia sem nenhuma forma de discriminação. Para tanto, o levantamento de questões como ética na Educação também se faz necessário, afinal, a Filosofia é uma forma de libertação e de estímulo ao pensamento crítico, mas em sala de aula está interligada aos processos pedagógicos que precisam atender a todos, de forma justa e consciente.

Palavras-chave: Filosofia. Cotidiano. Educação. Ideologia. Cultura. Ensino Médio. Ética.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the fostering of discussions related to teaching practices Philosophy of teaching in high school classrooms, and the use of philosophy in everyday life of the human being and its form of application and encouragement. However, given the great technological growth and availability of information, it shows the concern also include important concepts such as ideology and the culture as it is necessary to understand the human experience so you can create a language and an affordable way to apply the philosophy without any form of discrimination. To this end, raising issues of ethics in education is also needed, after all, philosophy is a form of liberation and encouragement of critical thinking, but in the classroom is connected to the pedagogical processes that need to meet everyone, so fair and conscious.

Keywords: Philosophy. Everyday. Education. Ideology. Culture. High school. Ethics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O SURGIMENTO DA CONSCIÊNCIA NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA ..	10
2.1 A CRIAÇÃO DE UM MUNDO NOTAVELMENTE HUMANO.....	11
3. CULTURA E IDEOLOGIA	14
3.1 A CULTURA E O COTIDIANO	16
3.2 A IDEOLOGIA NO COTIDIANO	19
3.3 TROCAS CULTURAIS	22
3.4 TRABALHO E ALIENAÇÃO.....	23
3.5 CONSUMO ALIENADO	26
4. A FILOSOFIA DO COTIDIANO E O ALUNO DE ENSINO MÉDIO	29
4.1 A FILOSOFIA PESSOAL EM LOU MARINOFF.....	30
4.2 O ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO EM LOU MARINOFF.....	31
4.3 A FILOSOFIA NO COTIDIANO DO DISCENTE DE ENSINO MÉDIO.....	32
4.4 O DIÁLOGO SOCRÁTICO	32
5. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	35
5.1 CONCEPÇÕES ACERCA DO CONHECIMENTO	36
5.2 A FILOSOFIA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA	38
5.3 ÉTICA E EDUCAÇÃO.....	39
CONCLUSÃO	41
BIBLIOGRAFIA	43

1- INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da Filosofia, a mesma foi entendida como uma forma de o homem sair de seu lugar comum e responder a problemas de forma racional. Ela é o ramo do conhecimento que serviu de berço para todas as outras ciências que conhecemos hoje em dia. A matemática e a química, por exemplo, começaram a ser desenvolvidas através dela.

Na Grécia Antiga, aquele que é considerado o maior filósofo ocidental, Sócrates, tratou de se dedicar ao estudo do ser humano e suas relações e de levar a filosofia para o dia a dia das pessoas, não se importando com a classe social e o nível de conhecimento que as mesmas possuíam. Esse fato acabou causando muitos atritos entre ele e outros filósofos da época, pois Sócrates também acreditava que devemos conhecer o que é certo e errado como algo fixo, aprendendo a aplicar a moralidade de modo correto e justo e jamais modificá-la de acordo com nossos interesses.

Atualmente, diversos filósofos ainda não concordam que a Filosofia possa ser usada por todas as pessoas, pois muitos autores acreditam que o pensamento filosófico é um conhecimento que deve ser elitizado e que pode circular somente entre o meio intelectual e acadêmico. Entretanto, há outros filósofos que a enxergam como uma forma muito útil de transmitir conhecimentos e também de auxiliar as pessoas em suas vidas pessoais.

O senso comum faz com que a Filosofia seja vista por muitos indivíduos, principalmente por educandos que a tem como ensinamento na escola, como uma disciplina complicada de ser compreendida. Se perguntarmos a algum deles como a filosofia é usada em sua rotina, provavelmente não teremos uma resposta muito positiva.

Contudo, é certo que o ensino da Filosofia no Ensino Médio é de suma importância, pois possui uma bagagem cultural e um conhecimento inquestionável, demandando grande responsabilidade dos profissionais que a ensinam. No entanto, esses profissionais vêm enfrentando o crescente problema do desinteresse por parte dos educandos, pois, considerando a grande influência recebida da tecnologia, dos meios de comunicação e da dominação proveniente da classe burguesa enraizada em nossa sociedade, a qual lança ideologias sobre as pessoas para causar uma alienação do pensamento individual, é certo que há cada vez mais um desinteresse dos indivíduos pelo conhecimento filosófico, fazendo-os por vezes esquecer a importância dessa área em suas vidas.

Entretanto, há um novo movimento filosófico conhecido como Filosofia do Cotidiano que trata de mostrar como a filosofia está presente no dia-a-dia de todos e como ela pode ser

utilizada para oferecer aconselhamentos filosóficos para os problemas corriqueiros, podendo até ter como base as obras e pensamentos de filósofos antigos. O filósofo alemão Gerd B. Achenbach foi quem começou esse movimento filosófico contemporâneo, em 1.981. Ele oferece diversas palestras sobre o tema, onde pode apresentar e divulgar essa nova corrente filosófica.

Os profissionais dessa área oferecem aconselhamento filosófico aos mais variados tipos de pessoas, podendo ser em grupo ou particularmente. Segundo eles, a filosofia é algo que só podemos entender na prática.

Apesar de ser algo extremamente novo, o movimento já tem seguidores em diversos lugares do mundo, como Israel, África do Sul e Estados Unidos. Um deles é Lou Marinoff, um canadense doutor em filosofia da ciência formado pela Universidade de Londres. Ele é o maior representante do movimento nos Estados Unidos e autor no famoso livro *Mais Platão, Menos Prozac*, o qual auxilia as pessoas a encontrarem através do aconselhamento filosófico as respostas para seus conflitos, ajudando-as a entender como identificar um problema, expressar suas emoções, analisar suas opções e encontrar uma filosofia de vida para resgatar seu desejado equilíbrio pessoal. Deste modo, Marinoff levanta questões do cotidiano e busca resolvê-las através de seu aconselhamento filosófico, transformando a filosofia em uma prática contínua para que possa vir a ser utilizada na rotina de todas as pessoas.

É através do estudo desse novo movimento que também é possível auxiliar na mudança da atual realidade do ensino da Filosofia nas salas de aula de Ensino Médio e promover um maior interesse por parte dos discentes, pois assim os mesmos poderão encontrar aconselhamento filosófico para seus problemas diários, percebendo que a Filosofia vai muito além de uma disciplina, sendo algo demasiadamente presente em suas rotinas. Para tanto, é importante algumas etapas de estudo a fim de compreender a realidade dos educandos e a realidade social em si, afinal, não há como aplicar a filosofia em seus cotidianos e criar métodos educacionais sem procurar entender com antecedência as influências que esses alunos recebem.

Deste modo, é necessário abordar na pesquisa conceitos interessantes como, consciência, cultura e ideologia, afinal, nesses assuntos encontram-se as explicações para o atual desinteresse dos jovens por questões importantes que envolvem a sociedade e, conseqüentemente, suas próprias vidas individuais, fazendo-os com que não percebam o uso da filosofia em suas rotinas, impossibilitando a criação de uma filosofia pessoal de vida. Ao estudar esses conceitos, abre-se a visão para questões que não haviam sido identificadas

anteriormente, ou, ainda, que passavam despercebidas e envolvidas pelo senso comum, pois através da compreensão delas cria-se um olhar especial sobre cada indivíduo, procurando compreender qual é a realidade que ele enfrenta, livrando-se de preconceitos e pensando na elaboração de uma forma para auxiliar os jovens a tornarem-se cidadãos conscientes, dotados de pensamentos originais e que poderão formar com a mesma consciência a próxima geração.

Portanto, percebemos que os conceitos abordados devem ser utilizados também com os alunos em debates na sala de aula, pois há nesta forma o poder de conscientizá-los da influência direta que a cultura em que estão inseridos e a ideologia que lhes é apresentada exercem em o seu modo de resolver problemas e tomar atitudes. Por isso, torna-se oportuno o estudo e a aplicação do método de diálogo socrático pelo professor nesses debates, pois esse método, comprovadamente eficiente e satisfatório em suas resultados, contribuirá para que o educando aprenda a questionar e utilizar esse aprendizado não somente nas conversas em sala de aula, mas automaticamente em sua vida pessoal, tornando-se um ser questionador.

Visto isso, a pesquisa será realizada com um estudo de cunho bibliográfico, em minuciosas análises e observações. A temática escolhida para a pesquisa procura contribuir para fomentar maiores discussões entre os docentes acerca do ensino da Filosofia no Ensino Médio, levando em conta a ideia de que é importante estudar, utilizar e introduzir aos educandos a filosofia do cotidiano. Afinal, um professor não precisa atuar apenas como um transmissor de conteúdos, pois é necessário considerar a formação que foi oferecida ao aluno e a realidade a qual ele participa, sendo de extrema utilidade o conhecimento de circunstâncias histórico-sociais, visto que ambas as situações estão diretamente relacionadas. Desse modo, o projeto abordará questões a respeito do conhecimento desde o seu surgimento, investigará as relações culturais, os aspectos significativos acerca da ideologia e ressaltará a filosofia cotidiana através do conceito de aconselhamento filosófico de Lou Marinoff, porém, como a pesquisa visa auxiliar a prática didática com jovens de Ensino Médio, mostra-se de suma importância o estudo do método dialético de Sócrates, além de analisar a filosofia da educação e suas questões éticas. O projeto prevê quatro etapas:

No primeiro capítulo, discute-se o surgimento da consciência humana objetivando compreender brevemente sua mente complexa desde os primórdios, pois esse entendimento é importante para que haja uma base para os outros temas tratados nesta pesquisa.

O segundo capítulo aborda as concepções de cultura e ideologia com seus conceitos e problemáticas na sociedade, trazendo os assuntos de culturas híbridas, trabalho e consumo alienado, a fim de ter um melhor entendimento sobre o que causa impacto na vida de nossos

jovens educandos atualmente, influenciando-os diretamente em suas escolhas, atitudes e pensamentos.

O terceiro capítulo trata principalmente do tema central do projeto, estudando a filosofia pessoal e o aconselhamento filosófico em Lou Marinoff, visando encontrar uma forma de ampliar a visão do discente acerca da Filosofia ao aplicá-la em sua vida pessoal. Visto isso, aborda-se o método dialógico de Sócrates como outro modo de prática pedagógica para introduzir a filosofia aos educandos ao torná-los excelentes seres questionadores, pois esse método serve como um excepcional e eficaz modelo de aconselhamento filosófico, considerando que o discente estará apto a usá-lo nos mais diversos momentos de sua vida e não apenas de forma acadêmica.

O último capítulo refere-se à filosofia da educação, bem como as concepções do conhecimento e a prática pedagógica. Mostra-se de suma importância abordar esse assunto em uma pesquisa que visa contribuir com o ensino da Filosofia, pois é necessário ressaltar esses conceitos considerando que ensinar é uma arte onde também aprendemos ao praticá-la.

Aproveita-se o momento também para discutir sobre ética e educação, mostrando que ambas estão intrínseca e estruturalmente unidas num modelo de educação que visa pela promoção do ser humano em todas as suas dimensões.

2- O SURGIMENTO DA CONSCIÊNCIA NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

É correto afirmar que os seres humanos têm uma tendência instintiva para investigar e conhecer o mundo em que vivem e sua própria natureza, afinal, isso é o que faz dos seres humanos criaturas racionais: a necessidade de explicar o mundo a sua volta e a resolver problemas. Os demais seres vivos não sentem necessidade de explicar o mundo ao qual estão inseridos, nem tampouco de analisar suas atividades diárias ou o que os leva a realizá-las. Foi a partir dessas inquietações fundamentalmente humanas que surgiram as mais diversas teorias acerca de questões que são importantes para nós, como o surgimento do Universo, a vida e a morte, entre outros assuntos que nos levam, até hoje, a criar diariamente novas tecnologias e estudos. Portanto, a criação do conhecimento é algo intrínseco ao ser humano, bem como seu instinto de sobrevivência.

Nossos ascendentes já eram levados a desenvolver estratégias que proporcionariam a preservação de suas vidas enquanto precisavam procurar manter a sobrevivência de nossa espécie, o que levou nossa raça a buscar durante milhares de anos o nosso lugar no planeta. Deste modo, analisamos que “ser uma parte da natureza implica que o ser humano é um ser com necessidades físicas historicamente anteriores a todas as outras e que, exatamente por conta disto, precisa produzir a fim de manter-se, a fim de satisfazer essas necessidades” (MÉSZÁROS, 2006, p. 79).

Segundo pesquisas antropológicas, a primeira informação humana inteligível é a existência de seres humanos em um ambiente natural compartilhando com os demais seres vivos uma necessidade fundamental e básica: a preservação da vida. Afinal, todo ser vivo procura manter-se vivo, visto que sua primeira necessidade é, fundamentalmente, viver.

Porém, os seres humanos desenvolveram uma característica que os diferencia dos demais: prover sua existência através de uma relação diferenciada com a natureza, modificando-a ao seu próprio favor e produzindo, através do trabalho, os instrumentos necessários para sobreviver. Segundo Marx (1996, p. 283):

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria

natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade.

Sendo assim, a capacidade de idealizar suas ações e moldá-las de formas diferenciadas deu ao homem uma consciência que cria e é criada pelo ambiente natural. Essa característica possibilitou, desde os primórdios, a capacidade de desenvolver novas tecnologias em razão da espécie humana. Portanto, podemos dizer que todas as tecnologias, desde as mais rudimentares até as mais sofisticadas, partiram de alguma necessidade cotidiana dos seres humanos.

2.1- A CRIAÇÃO DE UM MUNDO NOTAVELMENTE HUMANO

Pode-se observar que por intermédio de seu trabalho, o homem mantém sua existência através de uma apropriação e incorporação dos recursos naturais, transformando-os de modo que fiquem a seu serviço. Essa característica deu aos seres humanos uma conquista importante para a espécie: a capacidade de se adaptar a diferentes ambientes com as mais variadas condições de vida.

O ser humano pode ajustar-se a um número maior de ambientes do que qualquer outra criatura, multiplicar-se infinitamente mais depressa do que qualquer mamífero superior, e derrotar o urso polar, a lebre, o gavião e o tigre, em seus recursos especiais. Pelo controle do fogo e pela habilidade de fazer roupas e casas, o homem pode viver, e vive e viceja, desde os polos da Terra até o equador. Nos trens e automóveis que constrói, pode superar a mais rápida lebre ou avestruz. Nos aviões e foguetes pode subir mais alto do que a águia, e, com os telescópios, ver mais longe do que o gavião. Com armas de fogo pode derrubar animais que nenhum tigre ousaria atacar. Mas fogo, roupas, casas, trens, automóveis, aviões, telescópios e armas de fogo não são parte do corpo do homem. Eles não são herdados no sentido biológico. O conhecimento necessário para sua produção e uso é parte de nosso legado social. Resulta de uma tradição acumulada por muitas gerações e transmitida, não pelo sangue, mas através da linguagem (fala e escrita). A compensação que o homem tem pelos seus dotes corporais relativamente pobres é o cérebro grande e complexo, centro de um extenso e delicado sistema nervoso, que lhe permite desenvolver sua própria cultura (CHILDE, 1986, p. 40).

A história pode ser muitas vezes explicada pela passagem de um modo de sociedade para outro onde as relações de produção e a consciência humana são aprimoradas, afinal, para

que possa viver em sociedade, o ser humano, através de sua relação com a natureza onde é capaz de transformá-la a seu favor, acaba por construir um mundo notavelmente humano. Neste processo de construção da sociedade, os seres humanos criam também relações entre si mesmos, pois todos buscam a sobrevivência lutando por suas próprias vidas, sendo essa uma característica em comum. Desse modo são estabelecidas as estruturas sociais que determinarão como poderão ser as relações de produção, onde o poder está fortemente presente.

Na sociedade primitiva, onde o pensamento do ser humano era dominado por representações mitológico-religiosas, a realidade era imputada às forças naturais. As sociedades se estruturavam em torno da produção exclusivamente para a sobrevivência do grupo e o rito mágico que introduzia o indivíduo no grupo, introduzia-o também no processo produtivo. Neste sentido, o próprio rito fazia parte da vida econômica e do processo de conhecimento. Dado que trabalho e magia se interpenetravam, as tradições relativas ao trabalho estavam cheias de crenças e os mitos deixavam entrever uma ligação reconhecível com os processos de produção. Existia assim, uma certa consciência da objetividade do mundo exterior, muito mais prática que oriunda do baixo poder de abstração do ser humano (ANDERY, 1996).

De início, estas estruturas sociais são simples, porém acabam por tornarem-se mais complicadas à medida que os seres humanos promovem a expansão de sua consciência, pois se o conhecimento é aprimorado, as relações de produção e as forças produtivas também são modificadas, o que acarreta em uma modificação de toda a sociedade e do fluxo anteriormente conhecido.

Ora, se uma estrutura social complexa surge, obviamente a necessidade de encontrar explicações para as diversas questões que envolvem a complexidade da raça humana surge juntamente com ela.

A atividade da consciência se inaugura e se constitui como impulso vital originário, fazendo corpo com o agir do homem. A partir dessa base, a atividade da consciência se expande cada vez mais, não apenas atuando como um instrumental de otimização das respostas às necessidades imediatas da ação, mas sobretudo como mediação para a elaboração de uma "explicação" dos vários aspectos da realidade enfrentada pelo homem. Trata-se do desenvolvimento e da autonomização de uma força explicativa que busca estabelecer nexos e relações entre os objetos e situações de sua realidade, sendo que tais nexos têm para a consciência subjetiva uma força compreensiva, gerando-lhe um *sentido*. Por isso, o conhecimento, em linhas gerais, e nas suas mais variadas formas de expressão, pode ser definido como *o esforço do espírito humano para compreender a realidade, dando-lhe um sentido, uma significação, mediante o*

estabelecimento de nexos aptos a satisfazerem as exigências intrínsecas de sua subjetividade (SEVERINO, 2007, p. 67, grifo do autor).

Considerando que os seres humanos são os únicos animais que têm o instinto de explicar o mundo que os cerca, tanto em suas origens quanto em suas formas de tomar atitudes, tornando-se seres fundamentalmente racionais, é certo que quanto mais complexos são seus conflitos e sua realidade, mais necessidade o homem sente em fomentar discussões, criar teorias, fórmulas e apresentar suas possíveis visões cosmológicas ou científicas. É por esse motivo que a consciência humana é algo que se expande a cada dia, insaciável e gradualmente.

3- CULTURA E IDEOLOGIA

Estamos mergulhados nas águas profundas dos termos *cultura* e *ideologia*, afinal, vivemos em um mundo com grande diversidade de pensamentos, mas é certo que há uma grande dominação das sociedades capitalistas nos influenciando desde que somos muito pequenos. Ora, estamos em um mundo de comunicações, onde há o uso demasiado de ferramentas como a internet com suas redes sociais e infinitas possibilidades para pesquisas e acesso às informações, a televisão com suas propagandas dos mais variados produtos, os filmes, revistas, jornais, rádio, entre outros.

De um modo geral, a cultura pode ser entendida como um conjunto das formas de viver que foram criadas por cada povo desde os primórdios. Já a ideologia é um conjunto de pensamentos de um determinado indivíduo ou de vários indivíduos, podendo ser associada a ações sociais, econômicas e políticas e considerada como um conjunto de ideias que dissimulam a realidade, pois são mostrados de um modo raso ou distorcido, a fim de manipular os grupos sociais para seguirem os pensamentos da classe dominante.

Ao analisarmos esses conceitos mais a fundo, podemos perceber que eles não devem ser utilizados separadamente. O italiano Antonio Gramsci afirmou o mesmo baseando-se na *hegemonia*, termo que significa “supremacia” e que surgiu na socialdemocracia em Lênin, porém foi Gramsci quem tratou de conceituá-lo mais a fundo. Lênin falou de hegemonia apenas para referir-se à ditadura da classe trabalhadora, a qual tem a característica de coesão. Para Lênin a hegemonia tinha um caráter apenas político, já Gramsci considerava a hegemonia como a dominação de uma classe sobre a outra, enfatizando a necessidade de uma coordenação ideológica e cultural, fazendo com que essa classe dominada desconsiderasse suas ideias e sua originalidade, perdendo suas visões particulares e submetendo-se a classe que a dominou. Ele afirmou, ainda, que esse processo pode ocorrer por meio dos ditos “aparelhos de hegemonia”, onde as ideias da classe dominante são extremamente difundidas para a classe que se deseja dominar, o que pode ocorrer através de músicas, livros, jornais, teatro, ou em qualquer outra forma que possa acontecer o processo de convencimento onde o público alvo aprenda o que está sendo transmitido.

A relação entre cultura e ideologia mantém-se porque é através da cultura que a classe dominante irá manter o controle ideológico, mantendo a desigualdade social e separando as atividades culturais para as classes mais abastadas das classes menos favorecidas, fazendo com que a população aceite a ideia de que só é culto aquele indivíduo que detém os mais

diversos conhecimentos (artísticos, literários, científicos), enquanto aquele que não domina esses conhecimentos é considerado uma pessoa “sem cultura”.

Durante a história, vários autores dedicaram-se a estudar a relação existente entre a cultura e a ideologia. Entre eles estão os alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, que, tendo algumas influências em escritos de Walter Benjamin e Herbert Marcuse, em 1.942 escreveram sua obra onde utilizaram o termo “indústria cultural” para explicar o fenômeno de massificação da cultura e da dominação ideológica. Eles se preocuparam com a produção em massa dos bens culturais como forma de mercadorias a fim de obter o consumo exagerado e também com o sistema de indústria cultural presente nos meios de comunicação e nas formas de entretenimento, como o cinema e a música, por exemplo, tudo visando o lucro e a adesão ao sistema dominante.

A indústria cultural não se preocupa em incentivar a população a buscar o conhecimento, pois ela não visa formar seres questionares. Seu objetivo é incentivar o consumo exacerbado e o trabalho, mantendo o sistema capitalista e transformando o conhecimento somente em algo próprio da elite. É por isso que esse sistema maltrata a individualidade do homem, pois ele visa transformá-lo apenas em objeto, convencendo-o de que sua felicidade e seu entretenimento dependem do que ele consome. Esta é a ideologia encontrada na indústria cultural, onde os valores do que é certo e errado são ditados por ela. Para os autores:

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção cotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. Desde a súbita introdução do filme sonoro, a reprodução mecânica pôs-se ao inteiro serviço desse projeto. A vida não deve mais, tendencialmente, deixar-se distinguir do filme sonoro. Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos – e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro – paralisam essas capacidades em virtude de sua

própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 118).

Desse modo, percebemos uma tentativa de universalização da cultura, onde a ideia de valores criada pela burguesia não passa de um modo de descaracterizar a arte e as demais culturas. Nos grandes filmes que faz muito sucesso e atingem a maior parte da população, por exemplo, o espectador fica tranquilo com a certeza prévia de que o vilão será punido de forma merecida pelos seus atos e o que protagonista terá um final feliz, não importando o que antecedeu a história ou o que aconteceu ao decorrer dela. Nos grandes sucessos musicais e nos filmes, os indivíduos são levados a acreditar que a vida segue as mesmas tonalidades e que eles precisam acompanhar o que foi previamente ditado. Dessa forma, cria-se uma ideia de sociedade que não existe; imaginária, onde parece não haver desigualdades.

3.1-CULTURA E COTIDIANO

De um modo geral, cultura pode ser designada como o conjunto de modos de viver criados pelos seres humanos em sociedade e transmitidos pelos mesmos, geração após geração, envolvendo hábitos, símbolos, valores, cosmovisão, conhecimentos, regras, artes, entre outros costumes desenvolvidos pelos seres humanos em coletividade. Desse modo, todos os grupos sociais, desde os mais primitivos até os atuais, possuem uma cultura.

Entretanto, esse é um tema muito amplo, passível de diversas interpretações e teorias que, juntamente com os conceitos de ideologia, forma uma das áreas mais vastas das ciências humanas.

De acordo com o senso comum, uma pessoa é considerada culta quando leu diversas obras dos mais variados autores, quando domina várias áreas do conhecimento, quando é bilíngue ou, ainda, um poliglota. Esse conceito leva muitas pessoas a classificarem certas culturas como sendo superiores a outras, selecionando os hábitos, crenças e conhecimentos que, em suas visões, tornam-se mais adequados.

Na antropologia, área do conhecimento que se dedica a estudar a diversidade cultural dos povos, vários autores propuseram-se a definir a cultura. O primeiro antropólogo a defini-

la foi o inglês Edward Tylor (1871), que aponta que a cultura é um fenômeno natural e que diz respeito aos costumes adquiridos pelos seres humanos em sociedade, sendo o conjunto de seus conhecimentos, hábitos e valores. Na definição de Tylor a cultura “é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR *apud* MARCONI; PRESOTTO, p. 22).

Outro importante antropólogo, Franz Boas, ao pesquisar diferentes formas de cultura, afirmou que a diversidade encontrada entre os povos em todo o mundo não se dá por formas biológicas, mas sim culturais. Ele se opôs a ideia de evolução aceita na época de que as sociedades caucasianas fossem superiores aos outros povos, sendo considerada como uma sociedade civilizada e seus homens classificados como homens naturais, enquanto os demais eram homens ditos selvagens.

O antropólogo Claude Lévi-Strauss não deixou de notar a diversidade cultural, apontando que é necessária a relação das culturas entre si, pois tornar-se-ia impossível perceber a própria diversidade não fossem essas relações. Ele afirmou que a cultura é como um conjunto de sistemas simbólicos onde estão contidos os valores e as regras, como a arte, a cosmovisão e a ciência, ao passo que esses sistemas podem exercer relações e influências em outras culturas.

O homem é como um jogador que tem nas mãos, ao se instalar à mesa, cartas que ele não inventou, pois o jogo de cartas é um dado da história e da civilização [...] Cada repartição das cartas resulta de uma distinção eventual entre os jogadores e se faz à sua revelia. Quando se dão as cartas, cada sociedade, assim como cada jogador, as interpreta nos termos de diversos sistemas, que podem ser comuns ou particulares: regras de um jogo ou regras de uma tática. E sabe-se bem que com as mesmas cartas, jogadores diferentes farão partidas diferentes, ainda que limitados pelas regras (LÉVI-STRAUSS, 199, p. 98).

Com essa afirmação, Lévi-Strauss preocupa-se em demonstrar a particularidade das culturas e a universalidade cultural. Para ele, é necessário observar os elementos que são comuns em várias sociedades, ou seja, as chamadas regras universais para a criação da vida social.

Portanto, é perceptível que, além desses, existem vários outros conceitos para a palavra cultura. São dedicações de diversos filósofos, antropólogos e sociólogos que se preocupam com o emprego dessa palavra aplicada ao cotidiano. Entretanto, foi o filósofo

francês Pierre-Félix Guattari quem tratou de reunir esses significados em três grupos: *cultura-valor*, *cultura-alma coletiva* e *cultura-mercadoria*.

O termo “cultura-valor” foi usado por Guattari para designar a ideia de que existe a diferença entre quem é culto e quem é inculto, de modo que se torna possível o indivíduo *ter* ou não determinada cultura, atribuindo valores e trazendo uma ideia de superioridade ao indivíduo que a possui. Como, por exemplo, os políglotas, que são pessoas que dominam várias línguas de outras sociedades e por isso são considerados cultos.

O conceito de “cultura-alma coletiva” é como um sinônimo de civilização. Neste caso, considera-se que todas as sociedades possuem uma identidade cultural. Assim, podemos falar em cultura chinesa, brasileira, africana, muçulmana, por exemplo, ao passo que esse conceito busca identificar os povos pelas suas características e seus modos de agir.

Por fim, a “cultura-mercadoria” é correspondente ao termo “cultura de massa”, onde não há uma relação que procura avaliar o nível cultural de um determinado indivíduo, como no primeiro conceito, ou de encontrar a sua civilização através de suas características culturais, como no segundo. Aqui, compreendem-se os bens (teatros, bibliotecas, cinemas), os conteúdos ideológicos (livros, músicas, filmes, revistas), a fim de manipular a população para atingir quem tiver o poder de consumir esses bens.

É interessante observar que os três grupos de cultura estão presentes no cotidiano da nossa sociedade, todos marcando desigualdades entre os indivíduos: a cultura-valor é a que caiu no senso comum da população, fazendo-a acreditar que só é culto quem conhece determinadas áreas do conhecimento, como quem possui a chamada cultura erudita. A cultura-alma coletiva busca identificar os indivíduos de acordo com sua etnia, acabando muitas vezes por fazer alguns indivíduos acreditarem que uma cultura pode ser superior a outra, o que é chamado em nossa sociedade de *etnocentrismo*. Já a cultura-mercadoria acaba por marcar o abismo entre as classes sociais, acreditando que o indivíduo é o que ele consome.

Todos esses conceitos dividem os povos causando uma grande desigualdade social, étnica e econômica, onde alguns se sobressaem através de parcelas oprimidas da população. Vale ressaltar que essa situação não é atual, mas sim uma grande carga histórico-social que não conseguiu ser combatida através dos tempos.

3.2- IDEOLOGIA NO COTIDIANO

Um termo que se encontra intimamente ligado ao conceito de cultura é o de *ideologia*. Apesar de as primeiras noções acerca deste termo terem sido usadas pela primeira vez pelo filósofo inglês Francis Bacon, ele veio a ser cunhado somente pelo filósofo francês Antoine-Louis-Claude Destutt, o conde de Tracy, citado normalmente apenas como Destutt de Tracy. Para ele, ideologia era um termo filosófico-científico que significava “estudo da ciência das ideias”, ao passo que utilizou as ciências biológicas e a física para compreender estas ideias (como a memória, a moral e a vontade, por exemplo) em suas origens e desenvolvimentos.

Entretanto, após a publicação dos escritos de Destutt de Tracy, o conceito ideologia tornou-se passível de diversas interpretações e recebeu outros tipos de significados através de vários estudiosos, como o filósofo francês Augusto Comte, que, apesar de concordar com Tracy sobre o significado de ideologia, fez um adendo ao conceito ao afirmar que a ideologia é um conjunto de ideias que diz respeito a uma determinada época.

Em contraponto, o pensador francês Émile Durkheim não acreditava que a ideologia representasse ideias científicas. Em sua visão, o termo ideologia designava as ideias e valores de cada indivíduo e por isso é irrelevante, afinal, o que deve ser de fato levado em consideração são os “fenômenos sociais”, pois estes estão acima das ideias individuais das pessoas que constituem a sociedade. Deste modo, para Durkheim a ideologia era algo negativo, afinal não representava a realidade social.

Outra contribuição importante para o termo foi a apresentada pelo filósofo alemão Karl Marx, onde acredita-se que a ideologia é ditada em cada época pela classe dominante, podendo ter separada em vários tipos, como a ideologia jurídica ou econômica, por exemplo, onde as ideias dos homens são criadas a partir de suas condições materiais de existência. Deste modo, na visão marxista a ideologia é como uma *consciência falsa*, onde a classe que é dominada recebe uma forma de organização social que vigora para beneficiar não a eles, mas sim a classe burguesa dominante. Sendo assim, os que tentam romper com esta ordem são conhecidos como indivíduos revolucionários.

[...] Cada nova classe que ocupa o lugar da que dominava anteriormente vê-se obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seus interesses como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade; ou seja, para expressar isso em termos ideais; é obrigada a dar às suas ideias a forma de universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais e universalmente legítimas (MARX; ENGELS, 2005, p. 80, grifo meu).

Para Marx, também há uma divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual que resulta na ideologia: o trabalho intelectual, pertencente à classe dominante, pode sair da realidade e virar uma teoria geral, atingindo outras sociedades e desconsiderando as particularidades existentes em cada uma delas.

Para Karl Mannheim, a ideologia pode ser classificada em duas formas: ideologia particular e ideologia total. A primeira é como um jogo de interesses, onde um opositor desqualifica o conhecimento alheio por considerá-lo falso, criando uma forma de engano e uma ocultação da realidade. Já a ideologia total representa a cosmovisão aceita por uma sociedade em determinado contexto histórico, não havendo enganos, mas sim um modo de reproduzir os pensamentos gerais que ocorrem nessa sociedade. Entretanto, Mannheim afirmou que ambas as ideologias representam as ideias de uma classe dominante a fim de manter a organização da sociedade, já o pensamento da classe oprimida foi designado como “utopia”, por idealizar uma transformação no meio social.

Embora esses pensadores citados e vários outros influenciados por eles tenham realizado estudos significativos acerca do termo ideologia, o conceito que é adotado pelo senso comum é considerado raso, pois afirma que a ideologia é apenas um conjunto de ideias, sem considerar a questão da manipulação exercida pela classe dominante e da desqualificação das ideias originais das culturas.

Em sua vida cotidiana, geralmente o ser humano vive em um fluir contínuo, exprimindo diversas ideias adquiridas ao longo de sua vida sem muita reflexão. Se expressa através de atitudes, sentimentos, palavras, pensamentos, gestos e uma infinidade de outros elementos que são, na verdade, frutos de uma ideologia aplicada na sociedade em que vive. Como nas sociedades capitalistas, por exemplo, que vivem estruturadas através de suas mercadorias e, dessa forma, estão presentes exercendo influência na vida pessoal e em todas as relações dos indivíduos. Desse modo, se estabelece um modo de viver essencialmente capitalista.

Na sociedade capitalista procura-se extinguir a originalidade de pensamentos de seus cidadãos, formando seres que acreditem que sua felicidade depende do que for consumido por eles, sendo possível adquirir esses bens, principalmente, ao vender a sua força de trabalho. A ideia de felicidade vendida pelo sistema dominante faz com que os indivíduos acreditem que é necessário adquirir estabilidade profissional e financeira, bem como uma relação amorosa perfeita para serem felizes. Essas são as ideias demonstradas em novelas, filmes, programas de televisão, revistas, livros de autoajuda focados no assunto e também em pesquisas

científicas divulgadas o tempo todo nos meios de comunicação, as quais apresentam dados relacionados aos temas que são interessantes para a classe dominante que sejam divulgados para a população em geral. Os resultados de tais pesquisas tendem a tornarem-se uma verdade inquestionável para quem as vê, fazendo com essas pessoas passem a guiar sua vida cotidiana embasadas em tais dados.

O sistema capitalista também ignora a particularidade existente em culturas e grupos ao impor sua forma de enxergar a realidade social. Deste modo, acaba por igualar os indivíduos e causar uma ideia de uniformidade, sem considerar as questões históricas que formam a sociedade e a existência de grupos sociais diferentes que possuem situações econômicas distintas. Além disso, cria-se uma forma mascarada de representar as regiões, construindo um pensamento de que a sociedade não possui contradições entre si, compartilhando os mesmos interesses e expectativas. Um exemplo disso é o Brasil, um país formado por muitas culturas diferentes, criado através da miscigenação de diversos povos e que por esse motivo possui em suas regiões uma grande diversidade de ideias, costumes e classes sociais, porém recebe uma influência direta do sistema dominante visando uniformizar o seu povo, causando uma falsa consciência em relação à população brasileira.

A maior parte dessa ideologia do sistema dominante é lançada em seus meios de comunicação, sendo a televisão, com suas formas de entretenimento e informações manipuladas, o mais poderoso meio para a divulgação dessas ideias. A indústria cultural procura, através do uso da tecnologia, divulgar produtos que prendam cada vez mais a atenção dos indivíduos de todas as faixas etárias, porém mesmo os produtos mais simples têm esse objetivo, afinal, a oferta precisa ser grande para que a procura e o consumo sejam ainda maiores.

Contudo, apesar de a ideologia do capitalismo estar presente em todos os produtos e ideias lançadas pela indústria cultural, não há como afirmar que essa manipulação é uma regra a todos os indivíduos da sociedade, afinal existem as pessoas que são chamadas pela classe dominante de “revolucionárias”, pois vão contra o que prega o sistema vigente. Pessoas que, apesar de tudo, conseguem filtrar as informações e elaborar sua visão particular e original acerca dos assuntos. Uma prova disso é a grande demanda da indústria cultural por campanhas de manipulação cada vez mais originais e elaboradas.

Essas pessoas tendem a tentar abrir a visão de outros indivíduos que estão sendo cruelmente manipulados desde pequenos e não conseguiram fugir da ideologia presente em seu dia a dia. Um bom exemplo de seres que possuem essa capacidade de alcance da

população é os profissionais da educação, que podem, através de práticas didáticas, ensinar seus educandos a terem originalidade ao elaborar ideias e, principalmente, a tornarem-se cidadãos questionadores e capazes de filtrar as informações recebidas, selecionando o que é realmente importante em seu cotidiano.

3.3- TROCAS CULTURAIS

Em nosso planeta, o sistema capitalista tornou-se a principal forma de organização socioeconômica e, com ele, deu-se origem a um fenômeno chamado de globalização, o qual tem diversas dimensões, tanto políticas, quanto sociais, econômicas e culturais. A globalização possibilitou o capitalismo a elevar suas produções e ideologias a uma escala internacional, visando uma mundialização da cultura.

Entretanto, segundo o escritor argentino Néstor García Canclini (2000), a hibridação cultural passou a existir antes da hegemonia do sistema capitalista, porém não com a mesma dimensão e objetivo. Até o século XIX, sociedades próximas trocavam conhecimentos e costumes principalmente de forma oral entre seus conhecidos e familiares, mas raramente tinham acesso a muitos livros, afinal não era costume a existência de bibliotecas para o público em geral. Desse modo, quem tinha acesso aos livros eram as pessoas que os possuíam em casa.

Contudo, as trocas culturais passaram a aumentar a partir do momento em houve o desenvolvimento dos meios de comunicação, como o rádio e o cinema, onde os indivíduos tinham a possibilidade de conhecer outras formas de cultura, como tradições e modos de tomar atitudes. Assim, iniciou-se uma forma mais ampla de hibridação cultural que teve seu poder intensificado no século XX, visto que tecnologias como a televisão e a internet foram criadas e outras formas de comunicação foram aprimoradas.

As culturas eurocêntricas e norte-americanas, por exemplo, têm seu estilo de vida e seus produtos divulgados a níveis mundiais, expandindo sua ideologia e criando uma falsa consciência de que seus moldes, suas tradições e sua sociedade são superiores e precisam ser imitadas por outros países. No entanto, essas grandes potências também procuram captar expressões culturais pouco conhecidas vindas de outros países a fim de transformá-las em mercadorias para serem vendidas internacionalmente. Inclusive, muitas dessas expressões são trazidas de culturas oprimidas, como a africana, por exemplo, que já teve vários de seus costumes, como vestimentas, músicas e instrumentos explorados pelo sistema capitalista

apenas como forma de obter lucros e não de trazer valorização. Esse fenômeno leva o nome de apropriação cultural.

Desse modo, mesmo com o atual fenômeno da globalização, não é correto afirmar que a cultura tenha sido universalizada, pois mesmo que esse seja o intuito do sistema capitalista, as formas culturais oriundas de diversos grupos e regiões continuam existindo, porém acabam entrando em contato com a hibridação cultural por meio dos meios de comunicação.

O Brasil é um claro exemplo do fenômeno de hibridação cultural, visto que é um país que possui em si várias formas culturais presentes em suas mais diversas regiões, com tradições muito ricas e ainda valorizadas. No entanto, com o fenômeno da globalização e a valorização do estilo de vida norte-americano, é crescente a preocupação com o modo como as gerações futuras irão se portar e manter viva a diversidade das expressões culturais em seu cotidiano.

As áreas de ciências humanas têm grandes preocupações com essas questões, visto que possuem como objeto de estudo as relações humanas e as formas de compreender o mundo desde os primórdios. Desse modo, vários estudiosos vêm buscando práticas para libertar o jovem brasileiro dessa ideologia onde valoriza-se tudo o que é internacional e perde-se a originalidade ao buscar uma filosofia de vida que não seja puramente influenciada pelo sistema dominante.

Portanto, é indubitável o fato de que a comunicação exerce um papel importante para as pessoas, pois assim se torna possível conhecer ideias e costumes diferentes, bem como ter acesso a informações de vários lugares do mundo, o que possibilita ajudar a intervir para auxiliar em problemas de outros países, como, por exemplo, na divulgação de pedidos de doações para serem enviadas a regiões que sofrem catástrofes, ou, ainda, na dimensão que podem tomar as campanhas de indignação contra problemas sociais que possam vir a ocorrer em qualquer lugar no mundo. Assim, a comunicação possibilita a promoção de uma riqueza inegável de conhecimento e aceitação de culturas distintas. Entretanto, as pessoas devem aprender a utilizá-la com sabedoria, sem deixar que ela se transforme apenas em uma arma do capitalismo em suas vidas para vender suas informações e produtos previamente manipulados.

3.4- TRABALHO E ALIENAÇÃO

Sabe-se que, desde os primórdios da vida humana no planeta, o ser humano desenvolveu a capacidade de transformar a natureza por meio do trabalho, dando início às

diversas formas de cultura e as tramas que envolvem a sociedade. Essa é a teoria defendida por Karl Marx, onde ele afirma que a distinção entre o ser humano e os demais animais pode ser feita justamente através do trabalho, ao passo que o ser humano cria elementos imateriais e materiais que estarão inseridos em seu legado sociocultural e serão transmitidos entre a sociedade para dar origem ao que formará a identidade cultural presente em cada um dos povos.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (MARX; ENGELS, 2005, p. 19).

Apesar de o processo de trabalho ter sido algo fundamental no desenvolvimento da consciência humana e no progresso em geral da espécie, é necessário observar que através dos tempos o processo de trabalho foi distorcido pela produção em grandes escalas a fim de obter bens de consumo para aqueles que detêm os meios de produção. Desse modo, para o trabalhador que deixou de ter acesso aos meios de produção e aos produtos criados, só restou a possibilidade de vender sua própria força de trabalho. Assim, o processo de trabalho passou a não pertencer aos que o executam, mas sim a quem tem o poder de comprá-lo.

No século XIX, o trabalho nas indústrias dividido em setores tornou-se comum, pois era extremamente lucrativo para os donos dos meios de produção uma vez que além do aumento da produtividade havia também a economia de tempo e uma grande obtenção de lucros. Como em uma empresa de fabricação de sapatos, por exemplo, onde haveria a divisão da produção em vários setores e cada trabalhador exerceria uma atividade específica no processo de criação.

Esse método de organização do trabalho ganhou um aperfeiçoamento com o engenheiro norte-americano Frederick Taylor, no final do século XIX, de modo que passou a ser conhecido como taylorismo. Já no início do século XX, o também norte-americano Henry Ford implantou em suas indústrias de automóveis um modo de organização do trabalho que passou a ser conhecido como fordismo e utilizado por muitas outras fábricas, uma vez que ele passou a introduzir uma forma de produção em série para atingir um grande nível de consumo, ao passo que o trabalhador ganharia o suficiente para conseguir adquirir um automóvel da empresa. Assim, iniciou-se uma era de consumismo, onde os trabalhadores almejam conseguir comprar os produtos feitos na empresa, criando um ciclo de produção e

consumo em grande escala. Com o taylorismo e o fordismo, métodos encontrados atualmente em muitos lugares, o trabalho foi sistematizado, fragmentado e o tempo foi cronometrado, reduzindo a consciência do trabalhador sobre o que ele produz, pois o mesmo não possui conhecimento de qual será o resultado final de sua produção ou qual a finalidade dela. Ele apenas trabalha mecanicamente na mesma função, vendendo seu tempo, ou seja, sua mão-de-obra à empresa que o contratou. Esse é o método de organização do sistema de trabalho caracterizado como *trabalho alienado*.

O trabalho alienado não visa suprir as necessidades do trabalhador propriamente dito, pois, afinal, o indivíduo que participa do processo de produção dificilmente terá acesso a tudo o que é produzido. Esse modo de sistema industrial deseja suprir as necessidades do mercado, ofertando os mais diversos produtos para quem tiver condições de adquiri-los. Muitos instrumentos de luxo, como, por exemplo, eletrônicos de última geração ou vestimentas que são vendidas a preços exorbitantes, são produzidos para a classe dominante pelas mãos de trabalhadores que nem sequer desfrutam de um salário adequado, causando uma situação de exploração.

Em primeiro lugar, o trabalho é exterior ao trabalhador, quer dizer, não pertence à sua natureza; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. O seu caráter estranho ressalta claramente do fato de se fugir do trabalho como da peste, logo que não exista nenhuma compulsão física ou de qualquer outro tipo. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de mortificação. Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro (MARX, 1964, p. 162).

Assim, o trabalho alienado exclui o processo da criatividade humana, sendo realizado mecanicamente com o objetivo de suprir as necessidades de outrem. Dessa forma, o trabalhador é atingido pelo sistema de modo a ter sua originalidade e individualidade descartadas, sendo visto apenas como uma forma de mercadoria e tendo sua autoestima vulnerável a estas condições que fogem de seu controle: por se sentir como uma mercadoria, ele entende que precisa ter “sucesso” em ao menos alguma área considerada importante para a

sociedade (profissional, financeira, social) para que seja visto com bons olhos. O trabalhador percebe que se possuir boas qualidades, tem a possibilidade de “vende-las”, mas se não possuir, será visto com inutilidade. Portanto, o indivíduo compreende que seu sucesso depende das funções que ele conseguir desempenhar.

Esse é um processo que se torna cíclico, pois a pessoa que entende que deve buscar certas características em si, também trata de procurá-las nos outros membros da sociedade, criando diversos padrões injustos e que acabam por desrespeitar a personalidade e as experiências individuais de cada pessoa.

3.5- CONSUMO ALIENADO

Considerando que no sistema dominante há o predomínio do trabalho alienado, pode-se observar que o consumo alienado impera juntamente com ele, ao passo que, para o sistema capitalista a produção é, fundamentalmente, o consumo.

O consumo não é só parte do modo de vida capitalista, uma vez que o ser humano faz-se através de consumos, como o de alimentos e de bens necessários para sua sobrevivência. Entretanto, o que observa-se no sistema capitalista, é o chamado *consumo alienado*, pois, assim como o trabalho alienado, caracteriza-se como uma forma de tornar o indivíduo um ser alienado às suas necessidades, consumindo muito mais do que ele realmente quer ou precisa e assim beneficiando e alimentando o sistema dominante.

Portanto, há o papel indispensável dos meios de comunicação de massa a fim de divulgar os mais diversos produtos para estimular no indivíduo o falso pensamento de que ele realmente precisa adquirir o que é proposto. Contudo, todos os bens adquiridos tornam-se facilmente substituíveis e descartáveis, uma vez que todos os dias são lançados produtos para que o indivíduo esteja sempre em busca de algo novo. Esse é o ciclo vicioso que alimenta o capitalismo: com a produção cria-se o consumo, com o consumo cria-se a necessidade de produções novas, e assim sucessivamente.

Dessa forma, cria-se a forma de consumo alienado, o qual ignora as grandes desigualdades sociais que acabam impossibilitando uma grande parcela da população de adquirir os produtos do capitalismo, pois há pessoas que vivem em um patamar de pobreza em que não têm nem do que se alimentar, o que é chamado de pobreza absoluta, e fazendo com que outra parcela da população mova seus mundos e fundos para conseguir consumir o que é criado através de cartões de crédito, parcelamento de contas, ofertas ocasionais, entre

outros modos oferecidos pelo sistema para causar ao consumidor a impressão de que há uma facilidade e um desejo de auxiliá-lo a conseguir algum produto que é indispensável em sua vida, quando na verdade a venda de produtos não visa atender as necessidades dos indivíduos da sociedade, mas sim as do sistema capitalista a qual ela está submetida.

Esse quadro de consumo alienado acaba por alimentar ainda mais a desigualdade social e o processo de exclusão de muitas pessoas da sociedade. Atualmente, principalmente os jovens são atingidos por essa ideia de que necessitam de certas tecnologias, como os aparelhos eletrônicos de última geração, fazendo com que tentem das mais variadas formas um modo de ter o que é divulgado, esquecendo o que é realmente importante em suas vidas e não sabendo mais selecionar o que realmente é de seu gosto ou não, pois em seu pensamento estão infiltradas as ideias lançadas todo o tempo pelos meios de comunicação e pelas outras pessoas ao seu redor que também se encontram influenciadas por esses meios.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda a parte (DEBORD, 1997, p. 24).

Portanto, o indivíduo que se vê submetido ao consumo alienado coloca nos bens adquiridos a possibilidade de felicidade, como uma forma de extinguir a insatisfação que sente com sua própria pessoa. Porém, a falsa felicidade conquistada com a compra de um produto novo é efêmera, precisando ser repostada da mesma maneira que a antecedeu. Assim, o ser humano vê-se mergulhado nas profundezas de um sistema que não lhe permite enxergar com clareza a exploração sofrida no trabalho e no consumo alienado. Perdendo a autonomia de seu pensamento e o controle sobre si mesmo, o indivíduo torna-se cada vez mais incapaz de examinar questões importantes para ele e para a humanidade em geral, como o pensamento filosófico e crítico, tornando-se um fantoche nas mãos do sistema dominante.

4. A FILOSOFIA DO COTIDIANO E O ALUNO DE ENSINO MÉDIO

Na Antiguidade, o filósofo grego Sócrates foi o primeiro a estudar a filosofia como uma maneira de abordar questões que envolvem a vida cotidiana e os conflitos do ser humano, principalmente no que dizia respeito aos indivíduos de classes sociais menos favorecidas. Os filósofos que o antecederam tratavam de problemáticas relacionadas à natureza e, mesmo quando levantavam questionamentos sobre o homem, era com o objetivo de criar filosofias de vida que se dirigiam à minoria elitista.

Após a Antiguidade, principalmente no século XX, diversos outros filósofos incluíram o cotidiano como objeto de seus estudos. Segundo Silva (2011), na década de 20 surgiram pesquisas que objetivavam estudar como era o processo cotidiano do pensar, para que, através dele, fosse possível criar uma reflexão filosófica a fim de poder superar a alienação que era reforçada por esse tipo de pensar, uma vez que essas ideias eram repletas de aspectos advindos de crenças religiosas e de pensamentos da classe dominante. Uma obra significativa dessa época foi a do pensador italiano Antonio Gramsci, o qual afirmou que era necessário desconstruir o preconceito de que a filosofia era uma área difícil simplesmente por ser uma atividade própria de grandes cientistas e pensadores profissionais. Em sua obra, Gramsci defendia a ideia de que todos os seres humanos são filósofos por natureza e ignorava a teoria de que a filosofia é um dom concedido a poucas pessoas.

[...] No ensino da filosofia dedicado não a informar historicamente o discente sobre o desenvolvimento da filosofia passada, mas para formá-lo culturalmente, para ajudá-lo a elaborar criticamente o próprio pensamento e assim participar de uma comunidade ideológica e cultural, é necessário partir do que o discente já conhece, da sua experiência filosófica (após tê-lo demonstrado que ele tem uma tal experiência, que ele é um “filósofo” sem o saber). E, já que se pressupõe uma certa média intelectual e cultural nos discentes, que provavelmente não tiveram ainda senão informações soltas e fragmentárias, carecendo de toda preparação metodológica e crítica, não é possível deixar de partir do “senso comum”, em primeiro lugar, da religião, secundariamente, e — só em uma terceira etapa — dos sistemas filosóficos elaborados pelos grupos intelectuais tradicionais
(GRAMSCI *apud* SILVA, 2011, p. 127).

Dessa forma, Gramsci afirma que é necessário oferecer bases ao discente para que o mesmo reconheça a filosofia em seu cotidiano e não apenas estude o processo filosófico na história através de textos de grandes autores antigos. No entanto, para que o educando possa perceber que também é um filósofo em potencial, o educador precisa conhecer a forma cultural e as vivências pelas quais esse aluno passou, pois através dessa percepção será

possível desconstruir os paradigmas previamente estabelecidos por processos ideológicos aos quais o educando foi submetido desde seu nascimento. Gramsci, porém, não ignorou totalmente a sabedoria contida no senso comum. Partindo do pressuposto de que os pensamentos de senso comum são os primeiros com os quais o discente entrou em contato, Gramsci afirma que é necessário iniciar o processo de aprendizagem e criação da filosofia pessoal justamente pelas ideias que o educando já conhece, para só então aprimorá-las e passar a investigar e estudar os textos filosóficos considerados mais complexos.

4.1- A FILOSOFIA PESSOAL EM LOU MARINOFF

Lou Marinoff é um dos líderes norte-americanos do recente movimento chamado Filosofia do Cotidiano. Apesar de apresentar algumas ideias duvidosas e quase inconcebíveis acerca do pensamento filosófico, pois acredita que o filósofo possa servir como um analista, a essência de sua ideia pode ser aproveitada para auxiliar cada indivíduo no encontro da filosofia em sua vida. Afinal, conhecer a própria filosofia de vida é uma forma de conhecer-se e aprender como encarar situações conflituosas. Para o aluno, esse conhecimento é útil não só em sua vida, mas também nos momentos em sala de aula.

Todo mundo tem uma filosofia de vida, mas poucos de nós têm o privilégio ou o tempo livre para se reunir e deslindar os aspectos complexos. Tendemos a formá-la à medida que vivemos. A experiência é um grande mestre, mas também precisamos raciocinar sobre nossas experiências. Precisamos pensar criticamente, procurando padrões e reunindo tudo em um grande quadro para seguirmos o nosso caminho na vida. Compreender a nossa filosofia pessoal pode ajudar a evitar, resolver ou administrar muitos problemas. Nossas filosofias também podem fundamentar os problemas que experimentamos, portanto temos de avaliar nossas ideias para formarmos uma perspectiva a nosso favor e não contra nós (MARINOFF, 2001, p. 8).

O encontro e a compreensão de uma filosofia pessoal pode auxiliar o aluno a lidar com suas experiências dentro e fora de sala de aula, uma vez que o mesmo saberá como pensar de modo crítico e refletir sobre o conteúdo filosófico que receberá posteriormente. Haverá uma facilidade maior em filtrar e entender os assuntos tratados, uma vez que o discente passe a compreender que a Filosofia não precisa ser maçante ou incompreensível, visto que ele mesmo a possui e a usa em seu cotidiano e tem a capacidade de dominar aquilo que está aprendendo diariamente.

Durante a história, diversas mentes brilhantes pensaram sobre todos os tipos de assuntos, pensamentos esses que podem ser utilizados nas mais variadas áreas. Essa possibilidade é fascinante e extremamente útil para pessoas de todas as idades, basta saber dialogar e organizar de tal forma que cada indivíduo consiga aproveitá-la.

4.2- O ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO EM LOU MARINOFF

Partindo do pensamento de que é interessante encontrar uma filosofia pessoal, pode-se destacar conjuntamente a importância de estudar o que Marinoff chamou de *aconselhamento filosófico*, uma vez que é possível encontrar nesse termo um auxílio para a aplicação de conteúdos em sala de aula.

É importante ressaltar que aqui o interesse no aconselhamento filosófico não se dá como área, tal como fez Marinoff, mas sim como ideia. Seu uso não é completo e total como o autor destacou no livro, tampouco vaidoso e comercial como o mesmo pretende. O aconselhamento filosófico em sala de aula tem grande utilidade, mas como forma de ajudar os discentes a terem mais esclarecimento e propriedade em seu conhecimento acerca dos grandes filósofos. Afinal, com a percepção de que as obras clássicas podem auxiliá-los em suas questões cotidianas, vem o fato de que é possível compreender e dialogar com o que é lido.

Desse modo, o fato abordado eleva o aluno a um patamar indispensável para o bom aprendizado: ele passa a ter o discernimento de que a Filosofia não está além de sua capacidade de compreensão, uma vez que também trata de situações que são conhecidas e vivenciadas por ele. Essa assimilação possibilita um claro interesse em desbravar e apreciar o universo filosófico.

Apesar de filosofia e prática serem duas palavras com pouca probabilidade de se associarem na mente da maioria das pessoas, a filosofia sempre ofereceu ferramentas para serem usadas no dia-a-dia. Quando Sócrates passava seus dias debatendo questões importantes no mercado, e quando Lao Tse registrava sua opinião sobre como seguir o caminho para o sucesso evitando danos, eles pretendiam que essas ideias fossem utilizadas (MARINOFF, 2001, p. 10).

Assim, Marinoff afirma que a filosofia como prática aplicada aos cidadãos comuns quase não é aceita no meio acadêmico, mas tem crescido na contemporaneidade e já foi bem vista por grandes pensadores ao longo da história, como Sócrates, o maior filósofo de todos os tempos, o qual desprezava a elitização do conhecimento e aplicava um método poderoso de ensino, capaz de ser usado com qualquer pessoa.

4.3- A FILOSOFIA NO COTIDIANO DO DISCENTE DE ENSINO MÉDIO

A disciplina de Filosofia das salas de aula de Ensino Médio é, certamente, um modo muito importante para formar cidadãos críticos e preparados para filtrar as informações e questões que o mundo nos lança e nos cobra diariamente. Entretanto, há muito que se pensar sobre o modo como a Filosofia aparece na vida de cada pessoa em geral, pois é interessante compreender como os conteúdos tratados em sala de aula podem e devem acompanhar os discentes nos meios em que convivem.

Visto isso, a análise da Filosofia do cotidiano dos alunos é algo indispensável. É o pontapé para que se comece a estudar uma forma e uma linguagem adequada para aplicar os conteúdos e discussões que devem ser abordados em classe. Afinal, de nada adianta levantar debates e preparar a apresentação de textos filosóficos com o intuito de conscientizar e estimular o senso crítico, sem antes perceber um bom tema e um método adequado para dialogar com a classe. Caso contrário, o objetivo não será alcançado, pois se tornará apenas uma tarefa de sala de aula, e não um pensamento capaz de causar reflexão nos discentes ao longo de seu dia e de outros momentos em que o conteúdo visto pode ser útil.

Lidar com adolescentes de Ensino Médio é uma tarefa de percepção, paciência e sensibilidade. É uma fase de descobertas, onde o espírito de revolução está presente e pode ser usado para causas interessantes, como a indignação em relação aos problemas sociais, por exemplo. É importante que o aluno sinta que os demais se importam com o que ele pensa e tem a dizer, para que se estimule a pensar e cada vez mais buscar formas de se expressar devidamente.

No cotidiano, todos passam por situações que podem causar reflexão e debate. A problematização e a desconstrução de paradigmas são tarefas necessárias, até mesmo para que o aluno possa ter uma visão mais ampla de sua própria vida. Assim, o mesmo terá capacidade de repensar suas atitudes, suas amizades, suas situações-problema e perceberá o quanto a Filosofia está sendo útil de um modo prático em sua vida.

4.4- O DIÁLOGO SOCRÁTICO

Ao analisar a Filosofia no cotidiano dos alunos, a filosofia pessoal e as formas de aconselhamento filosófico, há a necessidade em um método de ensino que atenda essas expectativas.

O antigo método de diálogo do filósofo Sócrates é extremamente eficiente. Através do que é inicialmente uma conversa, ele criou um modo de fazer seu interlocutor refletir sobre questões diversas, até mesmo as que ele já acreditava conhecer devidamente.

A teoria do conhecimento de Sócrates, como relatada por Platão, diz que nós todos o trazemos desde o nascimento. Se lhe fizerem um pergunta difícil como "O que é justiça?", você provavelmente não será capaz de dar uma definição clara de imediato, mas poderá apresentar alguns exemplos tirados de sua própria experiência. Mas se você pode dar um exemplo de alguma coisa, Sócrates diria que já deve saber o que é essa coisa — implicitamente, e não explicitamente. (...) Sócrates também ficou famoso por investigar as pessoas através de uma série de perguntas, até extrair-lhes contradições. Se você apresentasse a Sócrates uma definição descuidada de justiça, e, então, ele o levasse a admitir que a sua definição poderia dar margem à injustiça, você teria caído em contradição. Em consequência, a sua definição não poderia estar correta (MARINOFF, 2001, p. 184).

O método dialógico criado por Sócrates, conhecido também como método socrático ou método dialético, consiste-se em fazer perguntas hábeis ao interlocutor através do diálogo, fazendo-o reconhecer sua própria ignorância (este é o primeiro momento, conhecido como *refutação ou ironia*), onde Sócrates não demonstra pretensão em ensinar nada, muito pelo contrário, ele mostra um grande interesse em aprender com o interlocutor, lançando questionamentos variados, como quem nada sabe. Então, no momento seguinte, ele elabora perguntas de modo a evidenciar as contradições encontradas nas respostas do interlocutor. Depois, na fase conhecida como *maiêutica*, ele auxilia o interlocutor a “construir” seu próprio conhecimento, pois, neste ponto, o indivíduo já se libertou de seu orgulho em pensar que domina os assuntos, por isso já está apto a criar suas próprias ideias. Nesse momento, Sócrates lança mais uma série de questões, ajudando o indivíduo a finalmente a dar à luz seus próprios pensamentos.

Esse é um método de ensino eficaz para ser usado em sala de aula, pois independe de idade, classe social, cultura ou demais experiências previamente delimitadas. Ele parte da utilização do que o interlocutor já tem disponível, para então poder ensinar outros conteúdos, com uma grande carga de reflexão e linguagem acessível.

Assim, percebe-se a importância da arte de aprender a questionar, tanto por parte do aluno, quanto por parte de seu professor, provando o quão eficaz é o método criado por Sócrates na busca do ser humano pelo conhecimento de si mesmo, de sua capacidade de criar suas próprias ideias e de conviver melhor em sociedade, percebendo as questões sociais que o envolvem.

Esse método é uma contribuição tão importante para a Filosofia e para o ser humano, que até os dias atuais muitos intelectuais reconhecem sua eficácia no processo de aprendizagem e na utilização nas salas de aula como uma forma de transmitir conhecimentos e de auxiliar o aluno a reconhecer a si mesmo e a quebrar seus paradigmas a respeito dos mais determinados assuntos.

5. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

A Filosofia tem grande importância nos assuntos que dizem respeito à Educação. Essa importância pode ser observada tendo como ponto de partida a análise deste questionamento fundamental: “O que é o ser humano?”. Essa questão guarda em sua interrogação muito mais do que um sentido biológico ou generalizado, pois trata-se de uma questão que envolve o conhecimento do ser humano sobre si mesmo, bem como o ímpeto por descobrir de onde veio, para onde irá e quem ele é. Essas são indagações que necessitam de um exercício do filosofar para que se inicie a pesquisa de suas resoluções.

Desde o início da construção das formas culturais humanas, a Educação esteve presente na evolução e criação da consciência dos povos. Porém, através de milhares de anos, já existiram diversas formas de interpretar esse processo, seja partindo da perspectiva do ser humano ou da perspectiva da natureza que o envolve desde os primórdios. É por esse motivo que a educação jamais deve ser considerada apenas como algo empírico e baseada somente na concepção de que é um exercício cíclico de ensaio e erro. Afinal, existe uma grande diversidade de teorias pedagógicas que auxiliam na Educação de um modo geral. São ideias fundadas através de pensamentos filosóficos, que tiveram seu início com a cultura grega e ainda são indispensáveis para que haja a tentativa de entender a importante questão “quem é o ser humano?”.

Desde o princípio da Filosofia, a importância de questionar, de analisar e elaborar ideias foi fundamental para a área, pois o ato de buscar conhecimento é um impulso para o ser humano, afinal é o que o possibilita ter dominação sobre a natureza para que possa prover seus métodos de sobrevivência, além de dominar e transformar a si mesmo e outros seres vivos. Assim, criou-se a situação de poder e, desse mesmo modo, iniciaram-se as relações opressor-oprimido, o que acarretou em outra questão importante: a da linha tênue entre o poder e o saber.

Atualmente, diversas teorias pedagógicas têm em seus princípios os conceitos de libertação, autonomia e emancipação como forma de estarem correlacionados ao exercício filosófico que possibilitará ao docente a atuar como um ser participativo no processo educacional e não apenas como um orientador. Essas ideias precisam abranger a educação e os educadores como um todo.

Desse modo, a filosofia da educação preocupa-se em buscar a compreensão do ser humano em sua maneira complexa de existência. Aqui, não há a ideia de que o ser humano

funciona apenas como uma máquina, como um organismo natural e somente guiado por instintos, pelo contrário, a filosofia da educação procura mostrar opiniões divergentes a essas anteriormente apresentadas ao criar propostas de estudos embasados na prerrogativa de que o homem é um ser dotado de valores morais que foram criados cultural e ideologicamente, através de relações com outros seres humanos, consigo mesmo e com a transformação do ambiente natural.

Assim, analisar os aspectos históricos, antropológicos, culturais, ideológicos, sociais, epistemológicos, faz com a pergunta introdutória ressurja: o que é o ser humano? Ora, é certo que a importância de questionar trouxe ao homem descobertas indiscutivelmente importantes e evolutivas e, dessa mesma maneira, há a possibilidade de criação de práticas pedagógicas que sejam extremamente benéficas aos processos necessários de compreensão humana, pois terão como pressuposto a iniciativa de não fazer da educação um procedimento automático e de ideias irrefutáveis, mas sim uma forma de buscar revisões, debates e reflexões contínuas para que os objetivos desejados sejam alcançados.

5.1 CONCEPÇÕES ACERCA DO CONHECIMENTO

As questões que dizem respeito ao conhecimento são relevantes de serem abordadas na filosofia da educação. Deste modo, existem duas concepções fundamentais acerca do assunto: a primeira é relacionada à palavra em latim *cognoscere*, a qual significa o ato de conhecer, ou seja, ter consciência sobre determinada coisa. Refere-se ao conhecer como uma relação existente entre a consciência propriamente dita e o objeto conhecido, ao passo que ambos desempenham um papel que é irreversível nessa relação. Já na segunda concepção, o ato de conhecer é o que dá resultado ao produto chamado de conhecimento, isto é, o ato de conhecer é compreendido como todo o saber que o ser humano conquistou e acumulou em sua existência.

Essas são concepções fenomenológicas que vêm desempenhando um papel importante na criação de diversas teorias pedagógicas através de milhares de anos. Contudo, a primeira concepção é a que recebe maior aceitação do pensar científico na contemporaneidade, uma vez que a segunda apresenta problemáticas ainda não esclarecidas, como a ideia de que é dever das instituições de ensino o ato de transmitir conhecimento, ignorando as diferentes maneiras de construir o ato de conhecer. Há ainda o problema de que o conhecimento é compreendido como algo pronto, tal como um produto que já está acabado.

Diversos indivíduos na sociedade acreditam que essas questões não tenham relevância, pois não as percebem em suas práticas diárias ainda que estejam indiscutivelmente presentes em suas vivências desde que começam a viver em sociedade. Esse fenômeno é explicado por Aranha (1996, p. 105):

O mundo contemporâneo é pragmático, voltado para as coisas práticas, interessado na aplicação imediata dos conhecimentos. Por isso, a filosofia não encontra muitos adeptos, sendo frequentemente repudiada como uma ocupação inútil. Contudo, a filosofia é necessária. É a filosofia que reúne o pensamento fragmentado pelas ciências e demais formas de conhecimento, buscando compreender o mundo da técnica dilacerado em tantas especializações. Quer resgatar, assim, a unidade que se encontra no sentido humano do pensar e do agir. É a reflexão filosófica que permite ao homem adquirir outra dimensão além daquela que é dada pelo agir imediato, na qual estamos mergulhados no dia-a-dia. É a filosofia que garante o distanciamento para a avaliação dos fundamentos dos atos humanos e dos fins a que eles se destinam, levantando, conseqüentemente, o problema dos valores. A filosofia impede a estagnação que resulta do não-questionamento. Sua investigação não está alheia à ética e à política, fazendo com que se confronte sempre com o poder. Daí sua função de desvelar a ideologia, as formas pelas quais é mantida a dominação. Atentando para a etimologia do vocábulo grego correspondente a verdade (*a-létheia*, *a-letheúein*, “desnudar”), vemos que a verdade põe a nu aquilo que estava escondido. Eis aí a vocação do filósofo: desvelar o que está encoberto pelo costume, pelo convencional, pelo poder.

Desde os primórdios, o ser humano procurou explicações para sua existência e o mundo a sua volta, isto é, o ser humano tem o poder de pensar ao invés de apenas viver. O movimento filosófico chamado Existencialismo, originado no século XX, se preocupou em reforçar o pensamento de que o ser humano é o único ser que existe, pois é a única raça que tem consciência de sua existência. Nada no mundo existe do mesmo modo que a raça humana, pois esta possui a capacidade de olhar para si mesma de formas variadas, de prover a modificação do ambiente natural e de questionar o mundo em que vive, bem como o modo como foi criado e a maneira como irá acabar-se.

A racionalidade não faz com que o ser humano seja mais forte ou perfeito do que outras espécies, porém é uma característica capaz de diferenciá-lo dos demais. A capacidade de criar e aprimorar tecnologias, elaborar teorias, projetar e dominar a natureza torna o ser humano fundamentalmente mais poderoso no mundo em que habita com outros seres vivos. É certo que a relação de interdependência existe entre eles, porém o ser humano é o único que se adapta e modifica todos os ambientes.

5.2 A FILOSOFIA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Através dos séculos, a Filosofia desempenhou um papel de grande influência nas práticas pedagógicas que se consolidaram. Desse modo, identifica-se três maneiras pelas quais a pedagogia se firmou em alguns períodos, de acordo com o momento filosófico do período em questão.

Segundo Severino (1994), a primeira concepção pedagógica compreende-se por uma escolha priorizada da essência, através do pensamento metafísico de mundo aceito pelos gregos que dominou a Era Medieval e que procurou certa purificação do ser humano. Prevalencia um pensamento de essencialidade, de modo que a realidade constituía-se como uma organização ontológica onde o mundo e o ser humano eram vistos como entes substanciais que realizam uma essência. Tais essências antecederam a própria existência, pois eram algo de cunho universal e particular de cada espécie, devendo ser executado em suas potencialidades. Portanto, pode-se concluir que:

É dessa mesma perspectiva que se pode compreender a educação nesse primeiro momento. Em toda a Antiguidade e Idade Média, predominou uma concepção de educação como processo de atualização das potencialidades da essência humana, mediante o desenvolvimento das suas características específicas, visando sempre a um estágio de plena perfeição. (SEVERINO, *loc. cit.*).

A educação era vista, na forma cristã dos gregos, como algo que poderia trazer ao indivíduo a desejada perfeição, a racionalidade e ao aperfeiçoamento de sua essência. Essa visão, conhecida como essencialista, tem influência em filósofos como Aristóteles, Platão e Santo Agostinho.

Contudo, a segunda concepção é pautada através da educação moderna, que se preocupou em ter uma perspectiva antropológica como parte fundamental do processo. Essa concepção foi fundada no período do movimento Iluminista, o qual exaltava a racionalidade do ser humano sem ser vinculada aos mandamentos religiosos presentes na Era Medieval, além de valorizar o saber científico em vez do metafísico e se contrapor novamente ao pensamento essencialista ao afirmar que a razão é algo natural, isto é, tem a capacidade de explicar o mundo de forma racional. Buscava-se nessa concepção uma forma de tornar a educação algo empírico, assim como a ciência. Dessa forma, encontra-se a atuação da ciência em vários campos da educação, como nas práticas didáticas e nos conteúdos educacionais.

Essa visão, conhecida como naturalista, recebeu influência de pensadores como Immanuel Kant, Francis Bacon, Auguste Comte, René Descartes e John Locke.

A última concepção apareceu como uma forma de procurar superar as duas concepções anteriores, por serem excludentes e dicotômicas. Segundo Severino (1994), o ser humano deixou de ser considerado de forma essencialista ou naturalista e passou a ser visto como um membro da *pólis*, como um corpo animado, um animal com espírito e um indivíduo objetivado. Dessa forma, o ser humano é um processo, capaz de fazer intervenções nas determinações que a natureza e a vida o sujeitam. Portanto, o ser humano é total e histórico e, assim como o objeto, forma-se historicamente.

Essa concepção, conhecida como histórico-social, teve base na Antiguidade com o filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso, porém desenvolveu-se no século XIX com os pensamentos de Marx e Hegel. Pautada no movimento dialético, essa visão não ficou limitada a esses filósofos e passou a permear o mundo contemporâneo. Assim, pode-se observar que “a educação passa a ser proposta como processo, individual e coletivo, de constituição de uma nova consciência social e de reconstituição da sociedade, pela rearticulação de suas relações políticas” (SEVERINO, *op. cit.*, p. 34).

Vale ressaltar que essas três concepções, mesmo que se contradigam entre si, permanecem presentes nas práticas pedagógicas da atualidade e influenciam as teorias pedagógicas atuais. Porém, elas não determinam que o pensamento da educação deva ser pautado em ideias da Antiguidade ou da Modernidade, mas que podem ser base para algumas práticas pedagógicas atuais ou para teorias docentes contemporâneas.

5.3 ÉTICA E EDUCAÇÃO

O mundo contemporâneo vem enfrentando diversas crises em tudo o que diz respeito à existência humana, no entanto isso está mais em evidência na Educação. Esse fato chama a atenção para uma necessidade de revisão do processo educacional através de um debate aberto e sincero que poderá abordar temas como liberdade, filosofia cotidiana, cidadania e autonomia. Também é necessária a desconstrução de paradigmas como o de que ética e educação são âmbitos diferentes em um processo, ou, ainda, elementos simplesmente contrários. Afinal, a relação ética-educação precisa estar presente em um modelo de educação que busca o progresso do ser humano em todas as perspectivas possíveis.

A reflexão acerca da ética precisa ser abordada com a finalidade de que se possa compreender que o multiculturalismo e a pluralidade são elementos distintivos da complexa teia que forma a existência do ser humano. O mundo contemporâneo é formado por uma

sociedade volátil, superficial e fugaz, a qual não possui mais a discussão sobre seus verdadeiros valores, pois é criada fundamentalmente para consumir e descartar os modismos adquiridos com uma velocidade impressionante para que novos modismos sejam criados. Diante disso, a reflexão ética mostra-se como uma responsabilidade e não apenas como uma opção.

Desse modo, a ética está como uma condição *sine qua non* na sociedade atual para que haja uma prática educacional de caráter libertador e tolerante. Ora, afirmar que a educação prescindia da ética para existir seria um erro, pois essa afirmação seria a minimização da experiência educativa, transformando-a em uma transmissão de dados, o que, absolutamente, pode ser considerada educação. Deve-se buscar a construção de um indivíduo que tenha autonomia, que não aceita tudo o que lhe é determinado por terceiros sem antes fazer uma análise crítica da situação, pesando seus próprios valores, prós e contras com coerência e clareza na hora de aceitar ou rejeitar os valores e regras propostos pelo âmbito socioideológico.

[...] Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (FREIRE, 1996, p. 16).

Portanto, a educação é muito mais do que uma profissão ou um gosto pela prática de dar aulas. A educação é uma maneira de alcançar uma sociedade mais solidária e ética, com cidadãos que saibam opinar e decidir por si mesmos. É uma forma de construir e planejar um mundo melhor.

CONCLUSÃO

A Filosofia, a Educação e as experiências humanas são assuntos interdependentes quando se deseja tratar de questões relacionadas à aplicação da Filosofia em sala de aula, uma vez que deve se considerar as vivências individuais e, ao mesmo tempo, o modo como o aluno está introduzido na sociedade em que vive.

É assim que se torna perceptível a necessidade de compreender conceitos como ideologia e cultura, juntamente com práticas pedagógicas que cumpram o objetivo do ensino atualmente, visto que o interesse, aqui, não deve ser o de somente transmitir conceitos filosóficos clássicos, mas sim o de apresentar ao educando uma forma palpável de se fazer Filosofia, onde ele mesmo possa criar, refletir e dialogar.

Não existe educação neutra. A sociedade com suas perspectivas políticas e econômicas, e ciência com os seus interesses particulares, as mais variadas correntes filosóficas com seus conceitos sobre o que é o ser humano e o conhecimento, todos influenciaram e influenciam a educação das mais diversas formas. Desse modo, sempre estando sujeita a ideologias e determinações, várias vezes a educação atendeu e atende a objetivos que não são somente educacionais, mas sim interesses próprios de classes sociais específicas, como a burguesia, ou interesses que atendam ao mercado, como a formação de mão-de-obra especializada para o período desenvolvimentista. Sujeita à alienação, a educação traz em si, contudo, uma possibilidade de reflexão e de libertação, de construção de autonomia e da revisão constante de suas práticas. Considerando a pluralidade de sua essência, o processo educativo pode encontrar meios para “ludibriar” o domínio e os interesses que se sobrepõem à sua especificidade. Visto isso, dentro da formação e das práticas pedagógicas em sala de aula, é necessária a reflexão filosófica. Reflexão não só de teorias, mas sim da própria prática.

Nos parâmetros de uma educação que seja emancipadora para o ser humano, é preciso que se compreendam os riscos que podemos correr, que tenhamos grandeza para aceitarmos o que é novo e que saibamos rejeitar peremptoriamente qualquer modo de discriminação. Essa tarefa, complexa, exige rigor e comprometimento ético para com a sociedade, o outro, ou seja, para com todos os integrantes da comunidade educativa em todas as ramificações. A responsabilidade é imensa.

Vamos subverter a velha ordem imobilista que teme o novo por encontrar um alibi psicológico nas velhas e tacanhas posições verticalistas em que o educador, o qual detém de

todo o conhecimento, distribui raios de sabedoria inquestionável, enquanto os educados observam a tudo de forma perdida. Ora, a consciência de que o professor é formador de cidadãos que vão levar o mundo amanhã é o grande argumento para que sejam professor de verdade. Mas, para tanto, teoria e prática aqui têm que estar livres de qualquer dicotomia, têm que estar visceralmente ligadas, pois não há pensamento eticamente constituído que tenha, efetivamente, lugar fora da prática.

O educador, consciente da importância de seu papel de formador, é fundamental para o desenvolvimento de valores ligados à cidadania em seus educandos. A convivência tolerante entre seres humanos é oriunda de uma postura coerente empreendida por eles. Assim, a ética é o elemento indispensável para que se materialize uma educação consciente e eficiente.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDERY, Maria Amália. et al... *Para compreender a ciência: uma perspectiva*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: São Paulo: EDUC, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

CANCLÍNI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2000.

CHILDE, Gordon. *A evolução cultural do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARINOFF, Lou. *Mais Platão, Menos Prozac*. Tradução de Ana Luiza Borges. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia. Uma introdução*, São Paulo: Atlas. 2006.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Frank Müller. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MÉSZÁROS, I. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia da educação: construindo a cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. 1871.